

EDUCAÇÃO: A AUSÊNCIA DA FAMÍLIA NA HISTÓRIA DA APRENDIZAGEM ESCOLAR

Elaine Aparecida de Melo de Bitencourt¹

Márcio de Macedo²

Resumo

O presente estudo versa sobre a importância da interação entre Escola e Família no Processo Pedagógico. Abordaremos aspectos da família e da escola durante períodos importantes da formação histórica e cultura do ocidente, com vistas a entender os paradigmas atuais que envolvem a relação entre escola e família. Discutiremos aspectos da atuação dos professores e o que eles têm feito para que ocorra essa interação e sobre sugestões para que ambas as partes, tanto a escola quanto a família, alcancem a principal meta que é proporcionar as crianças uma educação de qualidade. Objetivamos realizar uma abordagem histórica, para melhor entender as mudanças ocorridas nessas duas instituições, verificando o que as fizeram se afastar uma da outra. Também investigamos a influência desta parceria como contribuição na melhoria da qualidade de ensino, podendo assim propor atuações para que as escolas e famílias possam apoiar uma à outra na educação das crianças. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, buscando reunir algumas abordagens significativas e refletir sobre autores contribuintes com o tema.

Palavras-chave:

Família, Escola, professor, relação, crianças.

Abstract

This study is all about the importance of the interaction between school and family in Educational Process. We will discuss aspects of family and school during important periods of historical formation and western culture, in order to understand the current paradigms involving the relationship between school and family. We will discuss aspects of the performance of teachers and what they have done to occur this interaction and on suggestions for both parts, the school and the family, to achieve the main goal, that is to provide children quality education. We aimed to make a historical approach to understand the changes in these two institutions, checking what made them move away from each other. We also investigated the influence of this partnership as a contribution to improving the quality of education, may well propose performances for schools and families can support each other in educating children. The methodology used was the bibliographical research, seeking to gather some significant approaches and reflect on contributing authors to the theme.

Keywords:

Family, school, teacher, relationship, children.

¹ Especialista em Orientação e Supervisão, licenciatura em Pedagogia Educação Infantil e Séries Iniciais. Atualmente Professora da Rede Privada Escola São Francisco de Assis – ESFA Cursando especialização em Educação e a Interface de Rede de Proteção Social. E-mail: eam@unochapeco.edu.br.

² Orientador: Graduado em Filosofia, Pós-Graduado em Filosofia e Psicanálise e Mestre em História, Cultura e Sociedade. Atualmente professor do Departamento de História da Universidade Paranaense. marciodemacedo@unipar.br

Introdução

Este artigo propõe análise acerca do papel do professor no contexto da educação contemporânea. Enquanto a realidade social, econômica e cultural altera-se em ritmo acelerado, o professor, bem como as redes de educação têm ficado com sobrecargas da função educativa, a qual apresenta vários desafios. Neste contexto é importante entender como estas mudanças afetam e modificam o papel do professor, da escola e da família, sobretudo no que se refere à participação da sociedade na educação das crianças. Para tal, precisamos compreender que educar não é uma função exclusivamente escolar, é a associação dos diferentes agentes formadores do universo do educando que vai proporcionar formação adequada e multidisciplinar. A proposta deste estudo é perceber a ausência da instituição familiar na educação, porque nos parece saltar aos olhos a carência de ambientes familiares adequados e comprometidos com a formação das crianças desde o início. Este estudo pretende abordar a origem da família e a importância da interação entre esta e a Escola no processo Pedagógico, para uma educação de qualidade.

1 - A ORIGEM DA FAMÍLIA.

Família derivada do latim “famulus”, que quer dizer “escravo doméstico”. Esta origem, segundo Engels (2012) vem é da Roma Antiga, para dar nome a um grupo social que surgiu entre as tribos ao serem abduzidas na agricultura e escravidão. Sabe-se que a família é caracterizada como um núcleo de pessoas que convivem em um determinado ambiente, durante determinado tempo e que se acham unidas por laços consanguíneos.

As origens históricas da família são bastante antigas. Sabemos pelos estudos arqueológicos e mesmo históricos que nas sociedades primitivas já havia formas de nucleação familiar, não com papéis definidos, mas já apontando para dependências entre os membros. A partir do surgimento da escrita, os registros gráficos salvaguardaram aspectos da estruturação dos grupos humanos nos seus mais diferentes momentos, sejam eles sociais ou mesmo privados.

Nossa cultura ocidental deve muito às criações das sociedades gregas e romanas. Na literatura, nas artes, na música, na arquitetura e mesmo nas relações humanas, a Grécia e Roma criaram as bases para a vida social e cultural do ocidente. Assim, para compreendermos certas formulações educacionais e familiares da atualidade, faz-se sensato rever a forma de organização destas culturas em diante.

A educação no período do auge da Grécia, cerca do século XVIII a.C. ao século III a.C. era privilégio de poucas crianças. Receber educação formal era algo muito importante, por isso este papel era delegado a pessoas que se destacavam nas artes, na ciência e na filosofia. Por se tratar de

um privilégio, apenas os meninos de famílias abastadas tinham esta regalia garantida. A eles era ensinada língua grega, cálculos, oratória, retórica e em determinadas escolas, sobretudo em Esparta, ensinava-se arte militar e manuseio de armas. Segundo Jaeger,

O centro da educação é a praça pública, diante do palácio real, rodeada também de outros edifícios públicos. Deste lugar estão banidos comerciantes e lojistas, para que seu balbucio não se misture com a *eukosmia da gente culta*. (Jaeger, p. 1227.)

A educação, seja ela na Grécia do referido período ou na Roma dos séculos II a.C. ao século IV, tinha caráter machista. Meninas não eram aceitas nos centros de educação e, salvo exceções, nunca participavam da vida acadêmica, política ou científica. À elas, como relata Áries, eram ensinados os afazeres domésticos, geralmente admoestados por suas mães. As pessoas provenientes de famílias humildes raramente eram alfabetizadas.

Jaeger, na sua obra *Paideia*, lembra que os filhos dos cidadãos eram obrigados a estudar. Os diretores do ensino eram escolhidos dentre os homens mais velhos, considerados aptos para ocupar a função de mestre, direcionando o conhecimento das crianças. Já as atividades militares e atléticas eram destinadas aos *efebos*, jovens militares com vitalidade e força, responsáveis por transmitir a arte militar e preparar as indispensáveis qualidades físicas dos meninos. (Jaeger, p. 1227)

Segundo Engels (2012), no referido período, a educação, que já era um privilégio voltado para a classe dominante, era iniciada pela mãe, a qual tinha a função e a responsabilidade pelos primeiros passos dos filhos, dividindo algumas funções educativas com o pai, que tinha como principal responsabilidade educar durante a adolescência, dando-lhes formação de ofício.

A formação de uma família na antiguidade clássica não começava sempre da mesma forma, havia variações de acordo com a origem das pessoas. A educação dos meninos gregos pertencia às camadas sociais mais ricas e poderosas eram ensinadas por tutores quanto à oratória, a poesia e o cálculo, as meninas eram educadas em casa pelas mães para que se tornassem dona de casa soubessem fazer os afazeres do lar e se tornassem boas esposas. A função das mulheres neste período era de servir seus maridos, se doar aos filhos, cuidando e acompanhando seu crescimento. (Jaeger, 2001, p. 1228)

Passada a fase do auge da Grécia e posteriormente de Roma, já no período medieval, a família se organizava principalmente a partir das atividades que envolviam a maioria do tempo, tanto de homens quanto de mulheres. Quanto às crianças nas ruas, elas passavam o tempo brincando, enquanto os homens conversavam sentados debaixo de pequenas varandas.

O período que vai do século VIII a. C. a, pelo menos o século XIII, merece destaque por não apresentar forte sentimento afetivo na vida familiar, seja entre os cônjuges e deles com seus filhos. Havia apenas a necessidade de preparar homens e mulheres para desempenhar papéis sociais, considerados indispensáveis na sua época. Muitos dos casamentos tinham a função de

sobrevivência do homem e da mulher, ajudando um ao outro podiam, ainda com muita dificuldade, conseguir angariar seus sustentos. Nesse contexto, os filhos eram concebidos com finalidades bem determinadas, seja para assegurar a tradição familiar, para servir de mão-de-obra, ou ainda para ocupar cargos ou funções exigidas pela sociedade. (Ariès, 1981, p.13).

Na Idade Média, a educação formal das crianças que tinham o privilégio de recebê-la era ministrada pelos mestres. Estas poucas crianças que puderam frequentar a escola, consideradas uma pequena elite, tinham acesso aos colégios religiosos, onde estudara o *trivium* (gramática, retórica e dialética), e o *quadrivium* (geometria, aritmética, astronomia e música). (Cotrim, 2000, p. 124)

Neste período não existem grandes instituições escolares senão aquelas que tinham por característica a formação religiosa monástica. A maioria esmagadora das crianças levavam uma vida simples, sem escolarização e passavam o dia junto dos adultos desenvolvendo atividades tal qual os mais velhos. Neste período, devido à escassez de alimento e falta de condições básicas de subsistência, era comum às crianças serem enviadas às amas de leites para serem criados, ou serem cuidadas por uma irmã mais velha enquanto os pais desenvolvem suas atividades laborativas. Uma marca significativa deste período é o afastamento das crianças da sua família, sobretudo dos pais.(Ariès, 1981, p.47).

Ariès, (1981) afirma que era comum as crianças ficarem nas casas de seus pais até cerca de 8 a 9 anos. Depois passavam a residir em famílias estranhas até cerca de 18 anos de idade. Neste período trabalhavam no pesado, aprendendo novos ofícios. As crianças passavam praticamente uma década na casa daqueles que seriam seus mestres e, elas, por sua vez, deveriam dedicar-se integralmente ao serviço ordenado. A educação deste período histórico era essencialmente voltada para o trabalho rural e doméstico. As escolas nesse período eram exceção. Somente clérigos podiam frequentá-las. Os centros de ensino que existiam na idade média eram voltados apenas para uma minoria que tinha como objetivo servir ao sacerdócio. As demais crianças aprendiam morando junto de seus mestres, que eram pessoas comuns e, geralmente estranhas. Os ofícios mais ensinados as crianças eram a arte da caça e da música, montaria, cuidado dos animais, cultivo da terra, uso de armas (geralmente espadas, lanças e escudos) dentre outras atividades que se desenvolviam sem a separação de crianças e adultos. Costumava-se ver guerras onde crianças de 12 ou 14 anos já empunhavam suas armas. Muitas das crianças que deixavam suas casas nunca mais voltavam. O sentimento entre pais e filhos praticamente não existia, não porque os pais não gostavam dos filhos, mas porque a família era muito mais uma condição social do que um sentimento particular. Quanto mais pobre a família menor o sentimento que a unia. Já as classes mais nobres procuravam conservar o sentimento e o status através do sentimento de pureza e supremacia fundado na noção de linhagem. (Ariès, 1981, p. 61).

A partir do século XV a realidade educacional da criança começa a sofrer alterações

profundas, causando mudanças radicais na estrutura do sentimento familiar. Com a expansão do ensino nos colégios, as crianças passaram a ficar junto de seus pais biológicos, exceto, é claro, pelo tempo que ficavam no colégio, ou quando, muitas vezes, precisavam residir em um pensionato para poderem frequentar a escola.

Ainda segundo Àries (1981), com o surgimento da escola, as crianças passaram a ser tratadas como o centro das atenções, sendo valorizados os espaços para o seu desenvolvimento. Entretanto, nem todas as crianças iam para a escola. Muitos entendiam que seus filhos deveriam continuar sua educação junto dos mestres, sem ter que frequentar aulas de teoria nos colégios.

Os meninos foram os primeiros a serem inseridos nas escolas. Já as meninas passaram a frequentar os colégios de modo regular a partir do século XVIII. Até então, algumas escolas ofereciam condições para as meninas estudarem.

Com o desenvolvimento afetivo dos pais para com seus filhos, as crianças passaram a ser percebidas como fatores de melhor relação entre o próprio casal. Sendo assim, possivelmente foram os filhos que desencadearam o sentimento de amor romântico, muito aspirado no início do período moderno.

Segundo Frederick Engels, a instituição familiar sempre foi construída a partir das relações de produção, sendo que a própria escola no período moderno surgiu como necessidade de deixar os filhos em um determinado local enquanto os pais trabalhavam nas fábricas.

Com a abertura do mercado de trabalho para as mulheres e sua autonomia financeira, elas acabaram por ter autonomia na criação dos filhos, podendo muitas vezes dispensar a participação do pai. Essa característica da contemporaneidade se tornou responsável por uma série de problemas para a instituição familiar tradicional. Novamente, nota-se um afastamento da participação dos pais e da própria instituição familiar do compromisso educativo dos filhos.

Alguns dos aspectos históricos sobre a família e a educação serve para nos mostrar que, em apenas algumas situações os pais tinham o compromisso permanente de educar os filhos. Em outras situações, sequer existia sentimento que unia as famílias. Certamente os protótipos ocidentais de família se alteraram bastante desde a antiguidade clássica ou romana até nossos dias. Hoje o conceito atual de família segundo o livro *Manual Direito das Famílias*, Maria Berenice Dias diz que é difícil encontrar uma definição de família de forma a dimensionar, no contexto social dos dias de hoje, se insere nesse conceito. É mais ou menos intuitivo identificar família com a noção de casamento, ou seja, pessoas ligadas por um vínculo do matrimônio. Essa forma clássica de união familiar se diluiu ante as inúmeras configurações que surgiram. Diante delas, muitas vezes a função materna e paterna foi relegada aos avós ou terceirizada para instituições cuidadoras ou ainda repassada à pessoas comuns que recebem como diaristas para cumprirem a função de cuidadoras enquanto os pais, ou responsáveis diretos trabalham no mercado multifuncional.

3. FAMÍLIA BRASILEIRA

Após a chegada da Família Real no Brasil, a família passou a ter papel primordial na educação e desenvolvimento do país. O modelo dos colonizadores europeus se impôs como modelo social da família, Freitas (2011, p. 18). Para o autor, a família pode se definir como uma célula da sociedade. Através de seus valores formam-se cidadãos do bem e é a partir da sua educação que vai se desenvolver socialmente e culturalmente.

De acordo com a análise de Bock sobre a importância da família no desenvolvimento do indivíduo, sugere que:

“A família, do ponto de vista do indivíduo e da cultura, é um grupo tão importante que, na sua ausência, dizemos que a criança ou o adolescente precisa de uma “família substituta ou devem ser abrigados em uma instituição que cumpra suas funções materna e paterna, isto é, as funções de cuidados para a posterior participação na coletividade. (Bock, 2004, p. 249)

Houve uma considerável mudança na forma de educar a partir do século XVII. Conforme vimos anteriormente, até o final da Idade Média, sobretudo na Europa, não havia um sentimento valorativo sobre a figura das crianças. Essa realidade começa a mudar a partir do século XVII e afeta também a educação no contexto brasileiro. Conforme Torete:

Surge nesse período, a preocupação com a preservação das crianças, pois não é mais interessante para o estado, perdê-las. Dois motivos levaram a isso: primeiro a difusão da medicina, e a finalidade de atacar a influência dos estranhos as crianças, e colocá-las sob vigilância de seus pais, e, um segundo objetivo, os interesses econômicos e sociais (diminuir os gastos com a pobreza e utilização da mão de obra perdida) (Torete, 2005, p. 44).

Neste período as famílias são incentivadas a produzirem trabalhadores e a mulher se torna rainha do lar, promovendo cuidados às crianças e contribuindo com a diminuição de crianças abandonadas, surge o amor materno (TORETE, 2005, p.45).

A partir da revolução industrial a família passou por profundas transformações. No Brasil os efeitos da industrialização foram sentidos principalmente na década de 1950, período em que a indústria cresceu vertiginosamente. Neste período a vida econômica era estável, a família era patriarcal e os valores morais eram extremamente marcantes. Com a mudança do eixo produtivo das economias do campo para os grandes centros, formou-se uma grande migração das famílias para as cidades. A relação entre pais e filhos passa a se dar dentro de um contexto em que o pai necessita na busca do sustento de seu lar, se ausentar do mesmo por longos períodos, fazendo com que a mãe passe a ocupar o papel principal de educadora.

Antes desse período os filhos recebiam diretamente de seu pai todo o treinamento para desenvolver e dar continuidade ao seu ofício. A ausência do pai passou a influenciar na formação psicológica e do caráter dos filhos, que neste momento são privados drasticamente do convívio paterno.

A sociedade pós-industrial alterou, significativamente, sua maneira de operar e produzir mercadorias, conhecimentos e valores, afetando diretamente a escola, afetando seus eixos paradigmáticos, tanto no que se refere à sua organização funcional, curricular e metodológica, quanto aos princípios éticos e participativos que sustentam sua prática cotidiana. Este panorama dificulta a definição de rumos, a fim de que se possam determinar as metas a serem atingidas pela escola no campo dos saberes, mas, também, no campo da participação dos diversos segmentos que a compõem, principalmente dos pais. Conforme (ROCHA e MACEDO, apud CASTRO, 2002)

Atualmente, em muitas famílias as mulheres que são as responsáveis pelo seu sustento dos filhos, a vida econômica tornou-se altamente instável e os valores morais passaram a ser transitórios.

Com total ausência de seus progenitores, promove-se a escola como responsável direta de educar seus filhos; os pais suprem suas necessidades básicas, mas tornam-se completamente ausentes, como sistema não cumprem sua função. Como menciona Bassedaset et. al. (1996, p.33) “família como sistema possui uma função psicossocial de proteger os seus membros e uma função social de transmitir e favorecer a adaptação, à cultura existente”. Sobre isto Kaloustian afirma que:

A família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais. (KALLOUSTIAN, 1998, p. 22)

Vemos nos últimos anos que os pais estão perdendo o controle de seus filhos, não conseguindo impor limites. Também existem casos em que os limites impostos são rígidos demais, sendo que ambas as formas podem gerar dificuldades. O ideal seria agir com moderação, ou seja, dar limites sem exagero.

Cury (2002) orienta para que não coloquemos limites sem dar explicação, que primeiramente usemos o silêncio e depois as idéias. Esse momento de silêncio significa aos pais e professores um tempo para refletir sobre o que se passa antes de punir a criança impulsivamente em um momento de ira. Essa reflexão permitiria que se tomasse uma sabia decisão referente ao assunto. De acordo com Torete (2005), os pais perderam literalmente a autoridade sobre os filhos, e isso tem se tornado em um círculo vicioso, com a escola cobrando a família e vice-versa, com ambas não conseguindo entrar em acordo, prejudicando a interação e a inserção do indivíduo na sociedade.

Gokhale (1980) relata que a família não é apenas o berço da cultura e a base para um futuro melhor, também é o centro da vida social. A educação bem sucedida da criança no ambiente familiar é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto. A família tem sido, é e será a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas.

Conforme (JARDIM, 2006) atualmente, na maior parte das famílias as mulheres são responsáveis pelo sustento do seu lar, a vida econômica passou a ser instável e os valores morais passaram a ser transitórios.

Na ausência dos primeiros e principais educadores nos lares, as crianças ficam expostas a toda sorte de influências principalmente oriundas dos meios de comunicação modernos e da internet. E, a família que deveria ser o berço da formação de regras, princípios e valores, acaba deixando essa responsabilidade da formação da criança a cargo das escolas, e em alguns casos, a cargo destes instrumentos de comunicação citados acima. A criança acaba por receber todo tipo de influências externas.

Com a necessidade de se ausentar-se do lar, as famílias colocam as crianças em creches e escolas, os pequenos começam a ir para escola precocemente, o que pode favorecê-las ou não, isso depende do acompanhamento familiar e escolar realizado. (JARDIM, 2006, p.20).

Porém não basta colocar as crianças na escola, é preciso acompanhá-las frequentemente e ajudá-las.

“Todavia, se a família coloca-a na escola, mas não a acompanha pode gerar na criança um sentimento de negligência e abandono em relação ao seu desenvolvimento. “Por falta de um contato mais próximo e afetuoso, surgem as condutas caóticas e desordenadas, que se refletem em casa e quase sempre, também na escola em termo de indisciplina e de baixo rendimento escolar” (MALDONADO,2002 Apud JARDIM, 2006,p.20).

A competitividade do mercado de trabalho impulsiona a nova geração à busca de estudo e aperfeiçoamento, o que torna o convívio familiar muito importante para a formação do caráter dos pequenos, mas que infelizmente encontra-se escasso a cada geração.

4. A Escola: Uma Abordagem Histórica

A escola conforme Freitas (2011) foi criada para servir a sociedade e assim, prestar contas do seu trabalho, de como faz e como conduz a aprendizagem das crianças. Para tanto, necessita criar mecanismos para que a família acompanhe a vida escolar de seus filhos.

Acredito que o diálogo, a compreensão, o compromisso são elementos indispensáveis para que se consiga terra fértil. Assim faz-se necessário o investimento no sentido de se construir boas relações, procurando minimizar a indisciplina. Diante do exposto propõe-se a

implantação de um mecanismo de representatividade dos professores junto aos alunos e comunidade escolar. (FREITAS, 2011, p. 01).

Cabe à escola a iniciativa de propostas de interação. A escola, assim como as famílias, vem passando por modificações constantes, embora as mudanças ocorridas na família aconteçam de forma muito mais rápida. A escola precisa acompanhar e aceitar tais mudanças, e a implantação de um mecanismo de representatividade dos professores junto aos alunos e comunidade escolar é uma forma de intermediar o diálogo e aproximar uns dos outros. De acordo com Peres apud Bencini (2003, p.38), "Mudanças que antes ocorriam em 100 anos agora acontecem em dez e está muito difícil acompanhar as novas exigências sociais e culturais", diz:

Hoje há uma confusão de papéis, cobrança para as duas instituições e novas atribuições profissionais para você. Parece haver, por um lado, uma incapacidade de compreensão por parte dos pais a respeito daquilo que é transmitido pela escola. Por outro lado, há uma falta de habilidade dos professores em promover essa comunicação. (BENCINI, 2003, p. 38)

Em 1549 foram criadas pelos Jesuítas as primeiras escolas do Brasil, a começar pela cidade de Salvador. Mantidas com muito sacrifício, mediante esmolas e donativos especiais, e a mão de obra nas construções incluía o esforço físico de religiosos ajudados por índios e alguns colonos prestativos (NISKIER, 2001. p.23)

Hoje vemos que as escolas não passam por tantas dificuldades financeiras como no início dos tempos. Porém apesar disso encontramos muitos problemas relacionados a dificuldade de aprendizagem, indisciplina, falta de preparo de professores, pais que não participam da vida escolar dos filhos e muitos outros.

Durante dois séculos os Jesuítas criaram e mantiveram praticamente todo o ensino público no país, tudo que se fizera até então a respeito de educação atendiam apenas a setores isolados, cidades e vilas espalhadas ao longo de nosso território brasileiro, em sua faixa litorânea e, excepcionalmente, em localidades do interior das capitanias de Minas Gerais, São Paulo e Bahia. Hoje o ensino fundamental é direito de todos. (NISKIER, 2001,p.12).

No século passado a escola se mostrava detentora do conhecimento e métodos pedagógicos, e sua aplicação era feita em detrimento da participação dos pais e da comunidade. Havia uma grande centralização do saber.

Atualmente a educação fundamental é um direito de todos. Existe maior acessibilidade e a gestão das escolas públicas tornaram-se democráticas, permitindo a participação de toda comunidade local e escolar nas tomadas de decisões, porém, muitos nem sabem desses direitos, não se importam ou são ocupados demais para participarem.

É importante que a escola faça um trabalho de orientação aos familiares e de toda comunidade, permitindo uma maior participação de todos, o que torna o gestor o maior responsável

por influenciar toda comunidade escolar neste sentido de orientação. Conforme Rocha & Macedo apud Connel:

A escola secundária é fortemente determinada pelo modo como age seu diretor. E isto também é verdadeiro para a escola particular, mas acho que pela razão de o diretor da escola particular prestar contas para um curador ou diretoria, existe mais pressão sobre para obter resultados do que o diretor da escola secundária estadual que presta contas para uma Secretaria de Educação. A escola particular produzirá em média melhores diretores porque se estes não realizarem serão despedidos ou a escola irá decair muito rapidamente. (ROCHA & MACEDO, 1995, p.126).

Durante muito tempo era claro o papel da escola para a sociedade, era respeitada a autoridade do professor, que por sua vez tinha o apoio dos pais, que hoje os criticam por suas decisões e demonstram uma total falta de apoio. Com essa falta de identidade da escola e a falta de autoridade do professor é necessário acompanhar as transformações ocorridas e elaborar novos métodos de ensino, mantendo-se sempre atualizados, sendo necessária uma reforma em todo sistema de ensino. Um passo importante é ganhar o apoio das famílias, uma melhor formação dos professores com relação aos métodos, didáticas psicológicas do desenvolvimento, e novos materiais e equipamentos, o que custaria aos cofres públicos. (TEIXEIRA, 2000, p. 08).

2 - ATUAL REALIDADE ESCOLAR.

Atualmente a situação da escola não é das melhores. É comum ouvir situações de alunos com problemas de indisciplina, dificuldades de aprendizagem e vandalismo. Contudo, essa aceção do comportamento educativo não é uma produção da escola, mas é nesta instituição que estes problemas surgem, trazidos obviamente por estudantes que tem uma vida extra escolar. Aludidos comportamentos são problemas que poderiam ser amenizados se escola e família trabalhassem efetivamente juntos, associados também à sociedade e a uma cultura educativa.

Podemos observar família e escola jogam a responsabilidade um para o outro. Os professores atribuem a culpa dos problemas aos pais que não cumprem suas obrigações de educar, mandam seus filhos para escola, mas não ajudam e nem participam da vida escolar deles. Por sua vez, as famílias culpam os professores que são despreparados e a gestão escolar que não faz o que é preciso para melhorar.

Mas o que vemos, é que tanto família quanto escola estão passando por profundas transformações e ambas precisam acompanhar tais mudanças de forma conjunta, facilitando o processo de aprendizagem das crianças e ajudando uns aos outros na busca de um objetivo comum, o de educar as crianças.

Nossa abordagem histórica visa entender as transformações paradigmáticas ocorridas nessas duas instituições – escola e família – e o provocou o afastamento recíproco de ambas, além de constatar a

importância desta parceria como contribuição para uma melhora na qualidade de ensino, podendo assim propor atuações para as escolas e famílias apoiarem uma a outra na educação das crianças. Podemos observar que nos últimos tempos o Estado tem procurado ajudar e que muito tem sido feito em busca de uma melhoria na educação, e que muito ainda falta.

Hoje há projetos como o Programa Escola da Família que busca colocar a comunidade dentro da escola, através de oficinas que trabalham com esporte, cultura e saúde, temos o Plano de Mobilização Social pela Educação elaborado pelo (MEC), que tem como fundamento a educação como um direito e dever das famílias, tendo em vista que:

- a) As famílias e responsáveis pelas crianças adolescentes e jovens têm o direito de reivindicar que a escola dê uma educação de qualidade para todos e cada um de seus alunos. Podem e devem cobrar providências medidas e ações para que isso ocorra.
- b) As famílias e responsáveis pelas crianças e jovens têm o dever de ajudar a escola em casa, criando disciplina e rotinas de estudo.
- c) As famílias e responsáveis tem o dever de se aproximar da escola.

A instituição escolar, ou educativa, é de importância imensurável para o desenvolvimento humano e social. Certamente ela depende da colaboração de outras instituições, as quais são legalmente responsáveis por promover a educação e também pelo planejamento de que tipo de educação deve ser promovida. Observamos que muito tem se dito sobre a importância desta relação entre escola e família, que o Estado tem se mobilizado para que isto ocorra, mas que apesar de todos os esforços a atuação dos pais é muito rara, ficando esta importante instituição afastada do real processo educativo, não apenas com participação na vida da escola de seus filhos, mas perdida ante a parte da educação que lhe compete na formação social dos valores do indivíduo.

A instituição escolar contemporânea procura se adaptar a algumas mudanças, principalmente com a inserção da tecnologia no espaço educativo, mas seus principais gargalos se encontram na transformação das instituições sociais, dentre as quais está a família. O aspecto mais gritante destas mudanças resume-se no afastamento físico, mas também teórico e metodológico da formação pessoal. Por isso, é necessária a interação entre ambas, promovendo uma maior eficiência na educação e ensino das crianças.

“Costuma-se dizer que a família educa e a escola ensina, ou seja, à família cabe oferecer à criança e ao adolescente a pauta ética para a vida em sociedade e a escola instruí-lo, para que possam fazer frente às exigências competitivas do mundo na luta pela sobrevivência” (OSORIO, 1996, p.82).

A escola como detentora do conhecimento científico deve fornecer e promover nessa relação, todo seu cabedal de conhecimento de forma que esse esforço leve em consideração os aspectos particulares da situação social e cultural hora vigente, e que influenciam de forma decisiva o equilíbrio familiar.

Por sua vez as famílias, responsáveis pelo desenvolvimento social e psicológico de seus filhos, devem buscar a interação com a escola, promovendo, questionando, sugerindo e interagindo de forma a fornecer elementos que através de discussões e ampla comunicação com os educadores promovam as iniciativas que vão de encontro às necessidades dos educando.

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, freqüentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades... (PIAGET, 1972 Apud JARDIM, 2006,p.50).

Necessário se faz uma abordagem individualizada dessas duas instituições para uma melhor compreensão de sua situação atual e como isso influencia a relação família escola, foco dessa abordagem no contexto da educação brasileira na contemporaneidade.

5. PATOLOGIAS DA RELAÇÃO ESCOLA/FAMÍLIA

A autoridade paterna passa a ser questionada e colocada à prova, influenciada pela rebeldia dos anos sessenta, mídia e cultura. Os jovens dessa geração passam nos anos setenta a ter os seus filhos e a criá-los dentro de um ambiente de permissividade, onde os limites educacionais outrora rígidos e mais restritos tornam-se elásticos.

Tal situação nas relações de autoridade dentro dos lares acaba no futuro a influenciar decisivamente o ambiente e as relações aluno-professor dentro das escolas. Em busca de acabar com abusos sofridos por seus progenitores, alguns pais se tornaram tolos e inseguros, sem cumprir seu papel na educação dos filhos.

Somos a primeira geração de pais decididos a não repetir com os filhos os erros de nossos progenitores. E com esforço de abolir os abusos do passado, somos os pais mais dedicados e compreensivos, mas, por outro lado, os mais tolos e inseguros que ouve na história (MONASTEIRO, 2008, p. 01)

Parece que na tentativa de melhorarmos como pais, passamos de um extremo a outro, e sem dar limites aos filhos eles fazem o que querem, tanto em casa quanto na escola, afetando de forma direta no aprendizado, tornando as crianças desrespeitosas. Conforme o que Tiba nos diz,

Recuperar a autoridade fisiológica não significa ser autoritário cheio de desmandos, injustiças e inadequações. O que verificamos atualmente é que um grande número de pais acredita no falso mito da liberdade total. Libertam os filhos antes mesmo de eles terem criado asas para vôos mais altos, e o resultado disso é um comportamento desastroso na maioria das vezes. O adolescente que se deixa levar pelo impulso em direção ao prazer imediato (natural do ser imaturo) vai dirigir seu vôo para alturas inadequadas ao tamanho de suas asas, e, com certeza, se desorganizar e se ferir. E a permissividade dos pais será sentida como desinteresse, abandono, desamor, negligência. A família tem a função de socializar e estruturar os filhos como seres humanos. A violência na infância e na

adolescência, por exemplo, existe tanto nas camadas menos favorecidas como nas classes média e alta. O que faz a diferença é a capacidade da família estabelecer vínculos afetivos, unindo-se no amor e nas frustrações. (TIBA, 1996, p. 13)

Para La Taille, a falta de imposição de limites pode ser interpretado pelos jovens como simples “ausência” do educador.

Os adultos de hoje não têm mais tanta certeza de que sabem mais que seus filhos quais os caminhos que levam a felicidade e, portanto colocam bem menos limites. Trata-se de uma posição honesta. Mas, em alguns casos, pode também de tratar-se de uma posição covarde: ao dizer aos filhos “Façam o que quiserem”, alguns adultos também lhes dizem de forma velada: “Virem-se, não tenho nada a ver com isso”. A não colocação de limites pode ser prova de humildade como de descompromisso em relação aos filhos e ao futuro do mundo. E verifica-se, hoje, que muitos jovens acabam se queixando da posição dos pais e educadores: o que poderia ser interpretado como generosidade libertária acaba sendo visto por eles como simples ausência. (LA TAILLE, 2008, p.64).

Conforme Dias (2010), as crianças e adolescentes pedem limites e estes os ajudam a organizarem suas mentes. Os adultos muitas vezes acabam não colocando limites porque assim é cômodo para eles. Colocar limites significa envolver-se, conter o adolescente e a criança, suportar suas reclamações e protestos, enfim, enfrentar as dificuldades.

Vemos também um aumento no número de divórcios em todo o país, o que reflete na mudança de comportamento de toda a população, influenciando também o rendimento escolar das crianças. Em Pesquisa Estatística do Registro Civil, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aponta que o número de divórcios acompanhou a tendência verificada nos últimos 10 anos e aumentou em 2008. Somente no ano passado, os divórcios totalizaram 188.090 mil, o que significa 4,6% de acréscimo em relação ao ano anterior. De acordo com o IBGE, destes divórcios registrados em 2008, 181.456 foram de cônjuges com 20 anos ou mais de idade.

Em 2007, o número total de divórcios foi de 180.455. O único ano em que a taxa de divórcios registrou queda foi em 2004, no qual foram registrados 130.527. Segundo o IBGE, o aumento no número de registro de divórcios a partir de 2007 se deve, em parte, à possibilidade de se divorciar com uma escritura em cartórios.

O IBGE afirma que, dos 188.090 pedidos de divórcio feitos em 2008, 71,7% partiram de mulheres. De todos os pedidos, 6634 foram feitos por pessoas com menos de 20 anos. O número de separações no ano passado foi de 105.044. (IBGE, Senso 2011)

De acordo com Ana Paula Jardim (2006), com a grande iniciativa das mulheres em pedidos de divórcio podemos ver o quanto elas se tornam independente a cada ano, ganham mais espaço no mercado de trabalho e devido a todas as mudanças citadas na família, a participação das mulheres no mercado de trabalho, aumento do número de divórcio no país, os pais que passavam boa parte do tempo ausentes da vida dos filhos passaram a se ausentarem por completo, deixando a criação dos filhos cada vez mais aos cuidados de instituições extra familiares: berçários, creches e escolas. Com

essas modificações, espera-se que a escola assuma, além da função de desenvolver o potencial da aprendizagem, também a função de educar valores.

Apesar de a escola ser insubstituível na educação, formação profissional e socialização da criança, por toda sua variedade de idéias e suas diferenças de crenças, culturas e de condições sociais, se torna um espaço de muitos conflitos. É por isso que o diálogo, a compreensão, o compromisso são elementos indispensáveis para que se consiga terra fértil. Assim faz-se necessário o investimento no sentido de se construir bom relações, procurando minimizar a indisciplina. Onde entra o diretor como personagem principal de bons relacionamentos, promovendo iniciativas que atraem a participação dos familiares e de toda comunidade no universo escolar. Nesse sentido, Romão e Padilha afirma que:

O diretor de escola é, antes de tudo, um educador. Enquanto tal possui uma função primordialmente pedagógica e social, que lhe exige o desenvolvimento de competência técnica, política e pedagógica. Em sua Gestão, deve ser articulador dos diferentes segmentos escolares, em torno do projeto político-pedagógico da escola. (ROMÃO & PADILHA, 2000, p. 26)

Diante do exposto propõe-se a implantação de um mecanismo de representatividade dos professores junto aos alunos e comunidade escolar. Para isso se faz necessário ir além das paredes da escola e conhecer a realidade de seus alunos, o que exige um grande esforço dos professores e da gestão da escola, necessário ver educação como um ato de amor.

O saudoso educador Paulo Freire certa vez proferiu que “não há educação sem amor”. Sabiamente ele foi ao âmago de tudo, pois educar sem amor pode resultar em meroganha pão, em um simples contar de hora-aula ou em uma assinatura de folha de ponto apenas. (SANTANA 2007, p.01).

Levando-se em conta o que pensa Paulo Freire sobre educação, que educar sem amor pode se resultar em mero ganha pão, os professores devem então ir além das paredes da sala de aula, comprometendo-se com o educando, o que é difícil devido à grande carga horária de trabalho que exercem.

Além disso, família e escola devem levar em consideração as influências externas que, sem acompanhamento das duas instituições podem favorecer ou não o desenvolvimento das crianças, influenciando positivamente ou negativamente, na formação do educando.

A escola deve acompanhar as mudanças constantes em relação às tecnologias, podendo assim ensinar as crianças a usá-las de forma crítica. De maneira que favoreça, e possa também propiciar conhecimentos necessários para orientar os pais para o acompanhamento do uso dessas ferramentas tecnológicas com segurança e moderação e por fim usá-las como ferramenta de ensino.

Um bom exemplo de mídia questionável refere-se às antigas mídias de cigarro. Na época em que eram veiculadas, incitavam o jovem a fumar, com a idéia de que o cigarro estava ligado à aventura, maturidade e saúde. Nos comerciais exibidos na TV e/ou em mídia impressa, imagens ligadas a esporte e juventude atraíam, principalmente adolescentes, a experimentarem o cigarro. Isso influenciava, “principalmente, a camada jovem”, ressalta Carlini.

Portanto, cada mensagem deve ser analisada do ponto de vista crítico, evitando o desgaste ainda maior da sociedade atual, a qual tem seus filhos criados por terceiros, na medida em que, os pais, tornam-se ausentes ao serem explorados, de forma, cada vez mais intensos pelo sistema econômico atual. (LEMOS, 2010, pag.01)

No lar, as imposições dos pais, nem sempre equilibrados, direcionados por caprichos e interesses, muitas vezes, mesquinhos, empurram o jovem, desestruturado ainda, para o convívio de colegas igualmente imaturos. Em outras circunstâncias, genitores irresponsáveis transferem os deveres da educação a funcionários remunerados, ignorando as necessidades reais dos filhos, e apresentando-se mais como fornecedores de equipamentos e recursos para a existência, do que pessoas afetuosas e interessadas na sua felicidade dão margem a sentimentos de rancor ou de imediatismo contra a sociedade que eles representam. Ademais, nas famílias conflituosas, por dificuldades financeiras, sociais e morais ou todas simultaneamente, o adolescente é obrigado a um amadurecimento precipitado, direcionando o seu interesse exclusivamente para a sobrevivência de qualquer forma, em considerando a situação de miséria na qual estão vivenciando.

Os grupos de referências para os adolescentes, e até para as crianças, é a demonstração desse vazio, que acaba sendo preenchido por personagens da TV: pelos “Rebeldes”, os “Big Brother”, ou grupos do MSN, ”os skatistas”, enfim, modelos a serem seguidos. (PAROLIN, 2008, p. 46)

Para algumas famílias o convívio entre si se torna insuportável, são como estranhos embaixo de um mesmo teto. Muitas mães que trabalham durante o dia, ao anoitecer, quando chegam a casa cansadas, sentam-se em frente à televisão para assistir suas novelas, se relacionando com os personagens da ficção, mas mal sabem como seu filho foi na escola, se ele tem tido algum tipo de problema, se ele está bem, se está gostando da escola e de seus professores. Muitas não contam como foi o seu dia e sequer dizem ao filho o quanto são importantes para elas, assim, os filhos não encontram em sua casa um amigo para conversar e acabam procurando nas ruas alguém que os ouça.

Estamos na era da admiração. Ou seus filhos o admiram ou você não terá influencia sobre eles. A verdadeira autoridade e o sólido respeito nascem através do dialogo. O dialogo é uma perla oculta no coração. Ela é tão cara e tão acessível. Cara, porque ouro e prata não compram; acessível, porque o mais miserável dos homens pode encontrá-la. (CURY, 2002, p.95).

Falta diálogo no ambiente familiar, falta amizade, afetividade e, conseqüentemente, falta respeito. As conseqüências da ausência dos pais na vida de seus filhos são muitas. O papel de educar passa a ser da escola, das ruas, da televisão e internet, onde, sem monitoramento algum, filhos fazem o que querem e assistem programas que influenciam negativamente suas vidas.

Diante deste cenário todo aparecem outras patologias da relação como o caso da violência. Este termo, que do latim "*violentia*", significa fúria e impetuosidade (do vento), ferocidade e ardor (do sol). Tal fúria tem deixado professores e familiares assustados e amedrontados, tem causado fobias de entrar em sala de aula tanto em professores quanto em alunos, vemos professores que tiram licença por problemas de saúde ocasionados pelo medo, crianças que não querem ir a escola.

Mas o pior tipo de violência está dentro de suas casas, pais alcoólatras, mães desequilibradas, drogas, pobreza, e toda essa desigualdade social que gera tal fúria impetuosa. "A violência nos impede, não apenas de sermos o que gostaríamos de ser, mas fundamentalmente, de nos realizarmos como homens, desejando uma vida melhor lutando por ela". (TORETE, 2005. p. 60).

A violência que, diariamente, é dirigida às nossas crianças e adolescentes é motivo de grande preocupação para o poder público e a sociedade civil e precisa ser combatida constantemente, Conceição (2007, p.01). Quando falamos em violência não falamos apenas de agressão física, visível, que causa às vezes clamor social. Existe a violência silenciosa evidente, mas, não vista (ou não se quer ver), mostrada às vezes à luz do dia, aos olhos da sociedade e das autoridades, porém passa despercebida, esta é a mais difícil de combater, falo do abandono, negligência e violência verbal. De acordo com Torete,

A desigualdade social é um dos fatores que gera violência. Toda violência é institucionalizada quando se admiti, explicita ou implicitamente, que uma relação de força é uma relação natura.

Dentre os fatores que ocorrem para o aumento da violência, pode-se citar; abandono familiar, ociosidade, facilidade de aquisição e consumo de drogas, falta de policiamento, impunidade, falta de controle e vigilância, banalização da violência, desmotivação. (TORETE, 2005, p. 60)

Assim escola e família podem e devem interagir de forma afetuosa, com projetos e atividades de conscientização e motivação.

"Por falta de um contato mais próximo e afetuoso, surgem as condutas.

Caóticas e desordenadas, que se reflete em casa e quase sempre, também na escola em termo de indisciplina e de baixo rendimento escolar "(MALDONADO, 2002 apud JARDIM, 2006, p.20)

Outro elemento que contribui para as longas cadeias processuais de deteriorização das esferas educativas reside na falta de múltiplos recursos, sejam eles físicos ou materiais contidos na pobreza, isso porque a pobreza se retroalimenta e causa conseqüências na aprendizagem.

“A pobreza é um estado de miséria que causa sofrimentos por insuficiência de alimentação, que por sua vez gera problemas de saúde e, esses dois fatores influem no aprendizado e conseqüentemente na profissionalização, que possa levar a pessoa a uma remuneração melhor e sair do estado de miséria. Há muitas décadas se discute o círculo vicioso da pobreza” (FISCHER , 2008, p.01)

Assim como acontece um ciclo vicioso com a pobreza, o mesmo acontece com aprendizagem, pais sem formação e perspectiva geram filhos sem formação e sem perspectivas, também é a causa de muitos dos problemas encontrados nas escolas.

Existem famílias, por exemplo, que nunca tiveram experiências prévias com a escola e que, quando seu filho inicia a escolaridade, depositam o papel da educação na escola, tomando uma atitude de total submissão e dependência, assumindo uma ignorância total sobre os assuntos relacionados a educação. (BASSEDAS, 1996, p.33)

9. RELAÇÃO ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA: UM PARADIGMA EM CONSTRUÇÃO

A família, sendo à base de uma formação completa do indivíduo, tendo papel decisivo na formação de caráter, deve ter participação direta na educação das crianças. É fundamental que aconteça essa parceria entre escola e família, e que juntos possam alcançar o objetivo em comum, de formar cidadãos que saibam como viverem no mundo atual. Percebe-se que no atual momento em que vive a educação, a falta de envolvimento, participação, apoio e limites das famílias para com as crianças, torna impossível uma educação de qualidade.

Historicamente, até o século XIX, havia uma separação das tarefas da família e da escola: a escola cuidada do que se chamava “instrução”, ou seja, a transmissão dos conhecimentos/conteúdos da educação formal e a família se dedicava à educação informal: o que podia-se definir como o ensinamento de valores, atitudes e hábitos. No mundo moderno, a educação passa também a ser objeto de atenção das famílias, que, apesar de ser preocuparem com a qualidade do ensino, transferem à escola competências que deveriam ser suas tão somente. Não vêm a escola como segunda etapa da educação, mas criam nela toda a expectativa de que será responsável, a vida toda, pela educação de seus filhos. E, em muitas vezes, esquecem de fazer sua parte (FREITAS, 2011,p.20).

Conforme Jardim, (2006) a relação escola e família vêm sendo muito discutida nos últimos tempos. A grande dúvida é saber os limites entre os deveres da família e os da escola. Como se sabe, não é a escola e sim a família que proporciona as primeiras experiências educacionais à criança.

A família é o berço da formação de regras, princípios e valores, outras instituições assim como a escola, possuem também papel muito importante nesta formação moral, a escola se organizando de forma democrática, oportunizando uma vivência cidadã. Dessa forma, promovem o nascimento crescimento do respeito mútuo e o desenvolvimento da autonomia, ingrediente para formação moral(SANDI,2008, p.34).

Conforme descrito nos itens anteriores as mudanças socioeconômicas definiram de forma decisiva a relação entre essas duas instituições.

Conforme o modelo Piagetiano, o vínculo escola-família prevê o respeito mútuo, o que significa tornar paralelos os papéis de pais e professores, para que os pais garantam as possibilidades de explorarem suas opiniões, ouvirem os professores sem receio de serem avaliados, criticados, trocarem pontos de vista. (JARDIM, 2000, p.41)

Definidos os papéis dos pais e professores, deve haver este respeito mútuo entre ambas as partes, expondo suas opiniões e ouvindo sugestões, de forma respeitosa, para que assim a própria criança também tenha respeito pelo professor e pela escola.

Tal relação implica em colocar-se no lugar um do outro e não apenas enquanto troca de favores, mas "... a cooperação, em seu sentido mais prodigioso: o de supor afetos, permitir as escolhas, os desejos, o desenvolvimento moral, como construção dos próprios sujeitos, um trabalho constante com estruturas lógicas e as relações de confiança". (TOGNETTA, 2002, apud JARDIM, 2006, p.20).

Tendo em vista o momento que vive a educação no país, stress de parte dos professores, despreparo de alguns, desvalorização do profissional, dificuldades de aprendizagem apresentada pelas crianças, violência, e levando em conta o quanto é importante a participação das famílias no processo de aprendizagem, é de grande interesse das escolas que esta interação ocorra, pode-se dizer que é papel da escola promover esta interação, garantindo uma troca de informação e de idéias, orientando as famílias e mostrando o quanto é importante sua participação na educação das crianças.

Baltazar & Moretti (2003), acreditam que a escola, através de seus professores ou diretores pode alertá-las e orientá-las, na tentativa de repensar sua conduta e agir de forma mais coerente com a realidade da criança. O que torna o professor responsável por se aproximar da realidade do aluno, sair de sua zona de conforto e ser autor das mudanças que são necessárias para que a escola propicie uma educação de qualidade aos alunos.

Conforme Jardim (2006) a realidade é que a maioria dos educadores atribui aos pais a origem dos problemas, e acusam como fator as mudanças na família. Assim entre escola e família ocorre uma confusão de papéis, cobranças para ambas as instituições. O que parece ocorrer uma incapacidade de compreensão por parte dos pais a respeito daquilo que é transmitido pela escola e por o outro, uma falta de habilidade dos professores em promover comunicação.

De acordo com Regis de Moraes (1989), para que ocorra o aprendizado é preciso uma parceria entre o educador, uma participação efetiva das famílias na vida escolar da criança, "o ensina-te e ensinando, respeitando os limites de cada um e sua privacidade." O mundo, a sociedade, também educa, nós somos marcados por eles, e podemos aprender a todo o momento. É preciso a participação da família nesse aprendizado, a qual já se deu início a socialização.

Apesar de ambas as instituições terem papel importantíssimo no crescimento e desenvolvimento das crianças, devemos saber que cada uma possui o seu próprio papel nesse processo de educá-las, daí a importância se ter uma boa relação entre ambas as partes, com as duas instituições cumprido seus papéis, tanto escola quanto família terão maiores chances de fazerem o que devem fazer, cumprir seus papéis.

Destaco que o papel da família na formação e nas aprendizagens das crianças e jovens é impar. Nenhuma escola por melhor que seja, consegue substituir a família. Por outro lado, destaco também que a função de escola na vida da criança é igualmente impar. Mesmo que as famílias se esmerem em serem educadoras, o aspecto socializador do conhecimento e das relações não é adequadamente contemplado em ambientes domésticos. (PAROLIN, 2008, p.01).

De uma maneira geral, sobre o fundamental e insubstituível papel da família na educação da criança, afirma Nérici (1972, pg. 12) “A educação deve orientar a formação do homem para ele poder ser o que é da melhor forma possível.” Percebe-se assim que a ação educativa tem influência da família, essa influência, no entanto é básica e fundamental no processo de educar a criança, nenhuma outra instituição possui condições de substituir.

Os professores que sempre se colocaram em suas salas de aula, como meros transmissores de seus conhecimentos, hoje deparam com uma realidade onde apenas transmitir tais conhecimentos não basta, é preciso ir além das salas de aulas e em muitos casos fazer o papel dos familiares, na transmissão de valores e princípios, o que faz de educar realmente mais que um mero ganha pão, mas um ato de amor, como disse Paulo Freire.

Os métodos de ensinos dos professores também precisam ser revistos, as verdades que acreditam serem absolutas hoje podem não serem mais verdades, as crianças que eram receptoras passivas de todo conhecimento transmitido pelos professores hoje com acesso a outras formas de transmissão de conhecimento, assistem as aulas com uma visão mais crítica desses conhecimentos transmitidos, esse não pode mais ser o único papel do professor, que deve sim, agir como intermediário e com interdisciplinaridade, deve ser polivalente.

Sabemos que muito tem sido transferido da família para a escola, funções que eram das famílias: educação sexual, definição política, formação religiosa, caratê, dança, entre outros. Com isso a escola vai abandonando seu foco, e a família perde a função.

Além disso, a escola não deve ser só um lugar de aprendizagem, mas também um campo de ação no qual haverá continuidade da vida afetiva. A escola poderá desempenhar o papel de parceira na formação de um indivíduo inteiro e sadio. É na escola que deve se conscientizar a respeito dos problemas do planeta: destruição do meio ambiente, desvalorização de grupos menos favorecidos economicamente, etc. Deve-se falar sobre amizade, sobre a importância do grupo social, sobre questões afetivas (SUTTER, 2007, p.01).

A escola contemporânea tem funções que a obriga, ir além das salas de aula, ter contato com a realidade de seus alunos e enxergá-los de maneira afetuosa, não apenas como meros números de certa estatística, mas como indivíduos que necessitam de seu apoio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa realizada constatou-se que para os dias atuais em que estamos vivendo e século XXI, a relação escola e família é imprescindível, pois a família como espaço de orientação, construção da identidade de um indivíduo deve promover juntamente com a escola uma parceria, a fim de contribuir no desenvolvimento integral da criança e do adolescente.

Como prova de tal importância desta interação entre ambas as instituições, estão exemplos de sucesso, onde através da participação das famílias na vida escolar das crianças, obteve-se uma melhora considerável na aprendizagem e comportamento.

Em reportagem da revista veja do dia 24 de setembro de 2008, constatou-se que o desempenho dos alunos da Coreia do Sul se mostrou acima da média de países com desenvolvimento superior. Segundo a pesquisa tal fato deve-se ao envolvimento da família no processo de aprendizagem. Os pais acompanham os filhos nas lições de casa de forma sistemática, e em alguns casos voltam a estudar pra poderem ajudar os filhos no aprendizado.

De acordo com o trabalho, existe uma relação direta entre o engajamento das famílias no processo de aprendizado e os bons resultados escolares. Os melhores exemplos nesse campo vêm de países asiáticos, como Japão e Coreia do Sul, aonde as mães chegam ao extremo de fazer cursos para aprender a lição dos filhos. A experiência oriental, que tem contribuído para colocar tais estudantes entre os melhores do mundo, serve de alerta para os pais dos 30 milhões de brasileiros que voltam às aulas em fevereiro. (Matéria publicada em VEJA no dia 24 de setembro de 2008)

Outro exemplo de sucesso que temos é o das escolas de ReggioEmilia, na Itália, que tiveram sucesso em suas ações pedagógicas com o trabalho conjunto entre família e instituição escolar. O trabalho entre pais e professores é cooperativo, levando em conta que todos têm muito a aprender uns com os outros. As crianças são muito beneficiadas por esse modelo, vez que vínculo entre escola e comunidade que acaba formando uma grande família (ABUCHAIM, 2009, p.39).

Observando os exemplos acima podemos ver que é possível ter uma relação mais estreita entre escola e família, mas que ambos precisam cumprir seus papéis. Porém vemos que apesar dos interesses serem das duas partes, a escola é a principal responsável em promover iniciativas que levem as famílias a participarem. Abrindo suas portas, promovendo atividades culturais, projetos educacionais e trabalhando de forma a orientar as famílias nos seus direitos e deveres como parte da comunidade escolar.

As famílias por sua vez têm o dever de participarem da educação de seus filhos, ajudando nas lições de casa, participando de reuniões de pais e mestres.

Porém a educação é dever de todos, comunidade, escola e família, todos buscando juntos uma educação de qualidade para nossas crianças. O relato a seguir é um exemplo real, vivenciado pelo próprio pesquisador, de como aproximar pais e educadores, buscando desenvolver um trabalho de parceria entre família e escola.

A presente pesquisa nos levou a perceber que a relação escola e família são imprescindíveis para que ocorra uma educação de qualidade. Apesar do histórico familiar não ter se iniciado com estrutura correta, hoje no século XXI, podemos dizer que se a escola e a família possuem recursos e técnicas necessárias para conduzir a família e a educação dos filhos de uma forma estável. É preciso comprometimento e disponibilidade da parte da família.

É necessário que as famílias criem o hábito de participar da vida escolar das crianças, que perceba a importância de se relacionar com a escola na busca de um objetivo em comum, “educação de qualidade para as crianças. Por outro lado, a escola deve ser a responsável por criar meios de aproximação com as famílias e a comunidade, orientando e mostrando que educar não é papel exclusivo das escolas, é papel de todos. Todos juntos lutando por uma melhor educação.

Nessa análise não podemos desconsiderar o fato de que os professores tendem a culpar a família, pela falta de seu envolvimento, quando os alunos vão mal, ou apresentam problemas em sua aprendizagem. Não obstante, os professores tenham razão quando afirmam que a participação da família na vida escolar do filho é muito importante para uma melhor aprendizagem, é papel da escola buscar uma prática pedagógica, na qual o aluno possa atribuir significado à sua conteúdos ensinados, “pois são os professores os especialistas em educação” (JARDIM, 2006, p.80). Portanto, culpar a família pelas dificuldades de aprendizagem do aluno, acaba afastando-as ainda mais da escola.

É fundamental e importante uma mudança nas atitudes dos pais e professores, o importante não é encontrar um culpado pelas situações ocorridas nas escolas, mas sim buscar juntas soluções para tais situações problemáticas. A escolar como detentora dos conhecimentos, métodos e técnicas de ensino, deve ter a iniciativa de aproximar família e escola, envolvendo-as em atividades realizadas na escola como comemorações, palestras, confraternizações com toda comunidade e orientando-as sobre a importância de um trabalho de parceria.

Esta não é uma tarefa fácil, mas não impossível, pois ter uma educação de qualidade com o apoio das famílias e comunidade é um sonho, que para virar realidade é preciso agir.

Referências

- ABUCHAIM, Beatriz de Oliveira. **Patio - Educação infantil**. São Paulo: Artmed, 2009.
- ARIÈS, P. *História social da infância e da família*. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1981.
- BASSEDAS, Huguet, Marrodan, Oliven, Planas, Rosseli, Seguer e Villela. **Intervenção e Diagnóstico Psicopedagógico**. São Paulo, Artmed. 2009.
- BENCINI, Roberta. **Revista Nova Escola**. São Paulo: Abril, 2003.
- BOCK, AnaMaria Bahia, “**Uma introdução ao estudo da psicologia**”, 2004
- CURY, Augusto. **Pais brilhantes professores fascinantes**. DIAS, L. Carmem. Curso de Extensão Família e Escola. Presidente Prudente: Unoeste, 2010.
- DIAS, L. Carmem. **Curso de Extensão Família e Escola**. Presidente Prudente: Unoeste, 2010.
- Dias, Maria Berenice. Manual de direito das famílias- 9 ed. Revista atual e ampl.
- EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN. **Abordagem de Reggio Emilia**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FREITAS, Ivete Abbade. **Família e Escola: A Parceria Necessária na Educação Infantil**. Presidente Prudente: Unoeste, 2006
- GOKHALE, S. D. **A Família Desaparecerá?** In Revista Debates Sociais nº 30, ano XVI. Rio de Janeiro, CBSSIS, 1980.
- JAEGER, Werner Wilhelm. **Paideia, a formação do homem grego**; tradução Artur M. Pereira. – 4ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- JARDIM, A. P. **Relação entre Família e Escola: Proposta de Ação no Processo Ensino Aprendizagem**. Presidente Prudente: Unoeste, 2006.
- KALOUSTIAN, S. M. (org.) **Família Brasileira, a Base de Tudo**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 1988.
- LA TAILLE, Yves de. **Limites: Três Dimensões Educacionais**. S. Paulo. Editora Ática, 2008.
- MALDONADO, M. T. **Comunicação entre Pais e Filhos: a linguagem do sentir**. São Paulo: Saraiva, 2002.
- MORAIS, Regis de. **Cultura Brasileira e Educação**. Campinas, São Paulo, Papyrus, 1989.
- NÉRICI, Imídeo G. **Lar, escola e educação**. São Paulo: Atlas, 1972.
- NISKIER, A. **Educação Brasileira**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2001.
- OSORIO, Luiz Carlos. **Família Hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- PAROLIN, Isabel. **Relação Família e Escola: Revista atividades e experiências**. Positivo, 2008.
- PIAGET, J. **Para onde vai a Educação**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1972-2000.
- TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Gente, 1996.

TORETE, Rossana Maria Cozeto. **O diretor da escola como mediador entre a família e a escola.** Presidente Prudente: Unoeste, 2005.

ROCHA, C.S MACEDO, C.R. **Relação Família & Escola.** Belem: Unama, 2002. (www.nead.unama.br/site/bibdigital/.../escola_e_familia.pdf). Acesso em 05/04/2011.

CONCEIÇÃO, Armando Pereira. **Violência Infantil**, 2009, disponível em : <http://www.webartigos.com/articles/28389/1/Violencia-infantil-/pagina1.html#ixzz1IkD1nP05>. Acesso em 06/04/2011.

ENGELS, F. A origem da família, da sociedade privada e do Estado. Tradução: Leandro Konder-3.edc.-São Paulo: Expressão Popular, 2012. 304p.

FISHER, João. 2008, disponível em, www.al.rs.gov.br/diario/diarios.../opinioao.htm. Acesso em 12/04/2011.

FREITAS, Ione Campos. disponível em <http://democracianaescola.blogspot.com/>. Acesso em 07/04/2011.

IBGE, **Número de divórcios aumentou 4,6% em 2008**, disponível em <http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI4121241-EI8139,00-Numero+de+divorcios+aumentou+em+diz+IBGE.html>. Acessado em 15/09/2011.

LEMOS, Gil. **A influência da mídia em nossas vidas!** 2010, disponível em . Acesso 15/09/2011

MONASTEIRO, Monica. **Limites - Os pais mais bobos e inseguros da história:** 2008, disponível em <http://www.portaldafamilia.org/artigos/artigo633.shtml>. Acessado dia 23/11/2011.

SANTANA, Patrícia Maria. **O Valor do Afeto na Relação Professor-aluno**, 2007, disponível em . Acesso em 07/04/2011.

SUTTER, Graziela. **Refletindo sobre a relação família escola**, 2007, disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/refletindo-sobre-a-relacao-familia-escola/926/>. Acessado dia 23/11/2011

TEIXEIRA, Alberto Martins. **E a Propósito, o Que é a Escola e Para Que Serve?**, 2000, disponível